

MÔNICA GASPAR . SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE
LUCIANA HARTMANN . ADRIANA FURTADO . CLARISSA
ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . MÔNICA GASPAR . SORAIA
SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HARTMANN . ADRIANA
CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . M
SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE MARTINELLI . LUCI
ADRIANA FURTADO . CLARISSA PORTUGAL . ELISE HI
MARI LOTTI . MÔNICA GASPAR . SORAIA MARIA SILVA . SUS
SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HARTMANN . ADRIANA FURTA
CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . MÔNICA GA
SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HA
ADRIANA FURTADO . CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIR
MÔNICA GASPAR . SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE
LUCIANA HARTMANN . ADRIANA FURTADO . CLARISSA
ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . MÔNICA GASPAR . SORAIA
SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HARTMANN . ADRIANA
CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . M
SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE MARTINELLI . LUCI
ADRIANA FURTADO . CLARISSA PORTUGAL . ELISE HI
MARI LOTTI . MÔNICA GASPAR . SORAIA MARIA SILVA . SUS
SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HARTMANN . ADRIANA FURTA
CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIRAKO . MARI LOTTI . MÔNICA GA
SORAIA MARIA SILVA . SUSELAINE MARTINELLI . LUCIANA HA
ADRIANA FURTADO . CLARISSA PORTUGAL . ELISE HIR

DIÁLOGOS

AFETOS COMPARTILHADOS

DIÁLOGOS

AFETOS COMPARTILHADOS

Soraia Maria Silva (Org)

Diálogos: afetos compartilhados

1ª Edição

Brasília
UnB/PPG-CEN
2019

ADRIANA FURTADO
MARI LOTTI
LUCIANA HARTMANN

SORAIA MARIA SILVA

DIÁLOGOS

AFETOS COMPARTILHADOS

ELISE HIRAKO

CLARISSA PORTUGAL
MÔNICA GASPAR

SUSELAINE MARTINELLI

D536

Diálogos: afetos compartilhados / Soraia Maria Silva,
[organização]. - Brasília : UnB/PPG-CEN, 2019.
123 p. ; 21 cm.

Modo de acesso: <http://repositorio.unb.br/handle/10482/34786>

ISBN 978-85-94107-07-7.

Inclui Bibliografia.

1. Artes cênicas. 2. Corpo como suporte da arte.
3. Performance (Arte) – Brasil. I. Silva, Soraia Maria (org.).

CDU 792(81)



Todos os direitos reservados

Editorial

Design gráfico Elise Hirako
diagramação
capa

SUMÁRIO

Apresentação.....	7
<i>Soraia Maria Silva</i>	
Quem sou Eu?.....	11
<i>Adriana Furtado</i>	
A sublimação do corpo fraturado através da criação artística.....	21
<i>Clarissa Portugal</i>	
A investigação sombria de uma performer intercultural.....	37
<i>Elise Hirako</i>	
Híbrida.....	52
<i>Mari Lotti</i>	
A vida é um laboratório de criação	73
<i>Mônica Gaspar</i>	
Mulher esqueleto: dor e sublimação no processo criativo, um diálogo afetivo	86
<i>Soraia Maria Silva e Luciana Hartmann</i>	
A criatividade na formação do artista das artes cênicas....	109
<i>Susi Martinelli</i>	

QUEM SOU EU?

Adriana Furtado¹

Nasci em Goiânia, no início dos anos 90. Família unida e bem tradicionalmente goiana: chácara, animais, música sertaneja e frango com pequi. Eu sempre estive envolvida com duas paixões: a artes e os animais. Fiz um pouco de tudo: artes plásticas, cantei em coral, fiz teatro, jazz, balé, dança contemporânea. Já a minha paixão pelos animais me levou a minha escolha pelo curso de Veterinária na graduação.

Em 2016 eu cheguei na UnB, me encantei por tudo. Quando soube que das disciplinas do doutorado eu poderia escolher algumas em outros cursos e instituições, eu me joguei. Tive a oportunidade de conhecer muitos lugares e pessoas, diferentes histórias de vida e maneiras de pensar. Isso me encantou! Mas sempre teve um predinho de vidro no Campus que eu morria de vontade de entrar, o Departamento de Artes Cênicas.

A disciplina de Laboratório de Criação me pareceu uma boa oportunidade de, além de estudar no prédio bonitinho, voltar a uma antiga paixão, a dança, o teatro e a arte. Mas eu me surpreendi, pois a riqueza de tudo que vivi nesse semestre de aulas é imensurável. Experiências plurais e individuais que me fizeram me enxergar diferente, diferentes movimentos, diferentes ângulos, objetos, sons, níveis e velocidades. Força e leveza, ao mesmo tempo, no mesmo corpo, o meu corpo. E quantas mudanças houveram por dentro?

Ao chegar na sala de aula, totalmente diferente das salas de aulas comuns. Não havia cadeiras, nem quadro, nem computadores, só o espaço e o chão. Só o espaço para o corpo se mover e se reconhecer em diversos planos. Estar no chão, sentado, deitado, rolando. Tocar o chão, paredes, agachar, pular, rodar, andar. Estica, encolhe, corre, espera, dança, sente, respira. Que infinidade de possibilidades um

¹Doutoranda em Ciências Animais pela Universidade de Brasília (UnB), Mestre e Bacharela em Medicina Veterinária pela Universidade Federal de Goiás (UFG)

espaço vazio pode te dar? O que fazer a partir do nada? Do papel em branco? Qual foi a última vez que você foi um papel em branco? Totalmente novo, pronto para ser preenchido de qualquer coisa, de qualquer sentimento, de qualquer atitude? Pronto para ser tocado pela primeira vez? Qual foi a última vez que você viveu uma experiência pela primeira vez? E qual vai ser a próxima vez?

E vivemos a experiência de usar o objeto em cena, na ocasião escrevi:

“Usar o objeto em cena ou foi o objeto que me usou?

Uma sandália e quantas possibilidades!

Quantas pessoas uma sandália te permite ser?

Quantos movimentos ela te permite fazer?

Limites e liberdade

Samba e castigos

Pés

Mãos

Andar e rastejar

Ideias sem prisões

Vai, experimenta!

Vai

Anda

Dança

Cria

Vai”

Ao ler hoje percebi que a vivência de sair da zona de conforto pode ser algo louco, difícil e algumas vezes até doloroso. Mas ao mesmo tempo nos permite viver momentos únicos e que nos transforma para sempre. Deixa ser louco, deixe que falem, que te julguem, te contestem, mas faça. Friedrich Nietzsche tem uma frase que muito representa, não só esta experiência, mas muitas das quais eu vivi e ainda quero viver: “E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por a que ouve a música sem que ninguém mais ouça,

a que dança porque o corpo pediu o momento, a que luta por questões que ninguém mais se importa, a que sonha além do que os demais se permitem sonhar. E para Nietzsche, “dançarino é aquele que sabe escutar seu corpo, o que sabe ser, ao mesmo tempo, da terra e do céu, o que conhece a embriaguez e o êxtase, o que sabe se converter num extemporâneo, o que transfigura sua força e poder em graça. Afinal, quem é aquele que expressa melhor a alegria e a “grande saúde”, quem é o que melhor sabe rir e o que melhor festeja a vida, a não ser o dançarino?”.

E quanto pude mergulhar em mim e me reconhecer em outros reflexos. Destaco a liberdade de escrever em primeira pessoa e expressar emoções, ao invés, de dados e fatos, como uma experiência ímpar na minha vida acadêmica. A ciência deu espaço a arte, e isso é uma delícia, mas não é fácil. Para entender melhor a relação entre arte e ciência busquei um artigo muito esclarecedor, e tomo abaixo alguns trechos que ilustram bem esses dois pontos:

“ Enquanto a ciência procura a determinação na hiper-codificação, a arte, em contraposição, tende ao singular e à baixa codificação, pois a arte não é linguagem em sentido estrito. A sensibilidade artística se inventa e constrói como objeto em si, enquanto a linguagem científica codifica seu objeto, ela é um discurso sobre um fenômeno (mesmo virtual). (...) Arte (produto) não é pesquisa (stricto sensu), mesmo que esta faça parte (lato-sensu) de seu processo. A pesquisa (procura) de materiais, cores, formas, temas, sons, diagramas, movimentos, enfim, matérias primas e procedimentos heurísticos, etc., se caracteriza como meio e não como fim. O artista, assim, opera como o “bricoleur”: “Isto também pode servir”. A arte não tem compromisso com a verdade e sim com a estesia ou sensibilidade (aliás, algo instável). Assim, a arte se mostra mas não demonstra.”

(Plaza, 2003)

Quantos rascunhos desse texto eu fiz até chegar em um que realmente mostrasse o que senti e quem eu sou? Inúmeros! E concluo dizendo que sair da zona de conforto pode ser uma vivência pessoal incrível, e nos coloca em uma posição de controle das nossas próprias escolhas. Tornando o mundo um lugar diferente do de sempre, e, portanto, nos transformando. “Você nunca sabe que resultados virão da sua ação. Mas se você não fizer nada, não existirão resultados. Espalhe esta ideia.” (Mahatma Gandhi).

Minha pesquisa

Como veterinária sempre me envolvi com os aspectos de preservação da fauna e do meio ambiente. Apaixonada por animais silvestres e pelo Cerrado, esse sempre foi o caminho que eu trilhei. Atualmente, estou inserida no programa de pós-graduação em Ciências Animais e trabalho com algumas doenças em lagartos de vida livre do Cerrado e suas regiões de transições entre Amazônia, Caatinga e Pantanal. Comparo o quanto regiões menos preservadas podem afetar no desempenho dos lagartos perante as infecções, além de reconhecer as espécies dos parasitas e correlaciona-las com espécies possivelmente zoonóticas, ou seja, que podem vir a afetar a espécie humana também.

Nascida no Cerrado, defendo nosso bioma com unhas e dentes e, não tinha como ser diferente. Muitas pessoas não sabem mas o Cerrado é savana mais rica em biodiversidade do mundo, diversidade esta representada na fauna e na flora. É considerado um dos 25 biomas de maior relevância (hotspot) do nosso planeta e, mesmo assim, está seriamente ameaçado, com taxas de desmatamento superiores às da Amazônia e menos de 3% de sua área está legalmente protegida como Unidades de Conservação. Alguns pesquisadores afirmam que se o desmatamento do Cerrado continuar no ritmo que é hoje ele desaparecerá até 2030.

A ocupação do Cerrado começou no século XVIII, com rápidos ciclos de exploração mineral que estabeleceram os primeiros povoados e trouxeram os pecuaristas para os sertões. Muito depois, as políticas para a ocupação do estado de Goiás, nos anos 40, e a construção de Brasília, na década seguinte, consolidaram “a marcha para o oeste” brasileiro. Contudo, foi somente a partir dos anos 70 que o processo de devastação dos recursos naturais do Cerrado se intensificou. Investimentos para o desenvolvimento da agropecuária estimularam a abertura da fronteira agrícola na região e, no fim dos anos 90, o Centro-Oeste brasileiro já tinha produção equivalente ao Sul e Sudeste. Atualmente, os usos agropecuários, que muitas vezes não respeitam a legislação de proteção ambiental, e o crescimento das cidades continuam a alterar o Bioma e dilapidar seu patrimônio.

Algumas espécies de animais típicos deste ecossistema são: lobo guará, tamanduá bandeira, tamanduá mirim, antas jaguatirica e uma infinidade de aves e répteis. Os levantamentos de répteis (cobras, lagartos, jacarés, jabutis...) registram cerca de 180 espécies no Cerrado, das quais 22 integram as listas de espécies ameaçadas de extinção. O percentual de endemismo é mais alto que o de aves e mamíferos, chegando a 17%. Só de lagartos, são mais de 50 espécies, das quais mais de 10 são endêmicas e nove já são ameaçadas. Estes animais vivem em quase todos os ambientes, alguns podem colocar ovos e outros geram filhotes. A maioria tem hábitos diurnos e, o mais interessante, algumas espécies são crípticas, ou seja, têm a capacidade de se camuflar no ambiente.

O lagarto, popularmente conhecido como calango, tem o corpo robusto com coloração castanha com pontos negros e claros, às vezes formando faixas transversais. Os membros são longos e a cauda relativamente curta quando comparado a outras espécies de lagartos. No pescoço tem uma faixa transversal negra margeada por uma faixa clara,

que tende a desaparecer nos indivíduos maiores. O ventre é claro e a garganta é negra nos adultos. Machos adultos apresentam a face ventral da coxa e da cauda de cor negra. O comprimento, sem a cauda, alcança cerca de 140 mm. Distingue-se de outras espécies de lagartos por possuírem duas bolsas de ácaros rasas nos lados do pescoço. É um animal de hábitos diurnos, territorial, heliófilo (gosta de sol), sendo ativo nas horas mais quentes do dia. Se alimenta de artrópodos, como formigas, vespas, aranhas, besouros e larvas de insetos. Animais maiores, podem ingerir quantidades consideráveis de partes vegetais. Sobe com facilidade por muros e troncos de árvores. Tem hábito de predação do tipo espreita, ou também chamada de “senta e espera”: passa a maior parte do tempo parado em um ponto elevado de seu território de onde localiza presas, aguarda a aproximação das mesmas e só então, se desloca rapidamente para capturá-las. Quando notado, fica imóvel tentando se confundir com o ambiente ou corre rapidamente para buracos ou fendas de rocha. Fantásticos, não é mesmo?

Se organizam em sociedades de modo que o macho tem várias fêmeas em seu território, que compreende uma área maior, e cada fêmea é responsável por um território menor dentro da área do macho. A qualquer momento um macho maior e mais forte pode tomar o território do macho atual. Normalmente, ocorrem brigas entre machos por dominação de novos territórios e novas fêmeas. A responsabilidade da caça e dos cuidados com filhotes é, na maior parte do tempo, da fêmea, enquanto o macho é responsável por proteção de todas as fêmeas alocadas em seu território. Fêmea raramente brigam entre si.

Mas o ponto mais relevante desses animais na minha pesquisa é que eles funcionam como indicadores biológicos de preservação ambiental, ou seja, a partir da maneira como eles reagem a certas doenças, podemos inferir locais mais ou menos afetados pelo homem. Eles são uns dos primeiros animais a perceberem mudanças ambientais que no futuro

serão mais graves e afetarão mais espécies, até mesmo o ser humano. Por isso trabalhar com eles é tão importante para a preservação do nosso Cerrado, sem falar que eles são super simpáticos e amigáveis. O maior cuidado que devemos ter na manipulação dos calangos é com a cauda. Eles têm um mecanismo de defesa conhecido como autotomia caudal, que nada mais é do que capacidade de soltar a cauda para conseguir despistar ou se livrar de predadores. Mesmo que cauda se regenere, nasce novamente, não é interessante que ela se solte, pois, a nova cauda é de tecido cartilaginoso, mais dura e menos ágil, dificultando na movimentação e até mesmo na atração pelas fêmeas. Elas preferem os machos com cauda original! Sem falar que pode demorar meses para crescer e nesse período o lagarto fica mais susceptível a predadores. Por esse motivo, sempre deve-se tomar muito cuidado no manuseio desses animais.

Quem é o verdadeiro rei?

O leão é considerado o “Rei da Selva” por ser o maior predador do reino animal, aquele que caça todas as outras espécies do seu habitat, mas que nunca é caçado. Por isso, é temido e respeitado, como um rei deve ser. Mas quem é o verdadeiro rei de todo o reino o animal? O maior predador, aquele que tem habilidade de atingir espécies em todos os habitats do planeta: savanas, florestas, desertos, mares, rios e ares? Aquele que mata muito além do que realmente precisa para se alimentar? Aquele que parte morre de fome e parte morre por comer demais? Quem é a espécie mais destrutiva do planeta, que chegou ao ponto de destruir ela mesma? Sim, o ser humano!

Milhares de hectares devastados pela agricultura e pecuária. Centenas de espécies extintas e mais centenas beirando o desaparecimento. Toneladas de lixo poluindo ares

e mares, matando muito além do que se pode contabilizar. Falta água, falta ar, falta comida, falta respeito. Toda a natureza sendo obrigada a se curvar a um rei impiedoso. Sendo obrigada a ruir, sendo abatida diariamente e irreversivelmente. Quanto mais precisaremos destruir até destruímos nós mesmo e não sobrar mais nada?

A Terra sofre e avisa que não suporta mais. Geleiras são derretidas, inundando regiões inteiras. Furacões devastam cidades. Vulcões adormecidos há séculos, cospem fogo, isso é aviso, é alerta. E ninguém ouve. Doenças vem como pragas, crimes são disfarçados de catástrofes. A natureza pede ajuda e nós somos a natureza. Nós precisamos de ajuda, precisamos parar. Está faltando consciência, está sobrando paciência, está faltando alguém gritar.

O verdadeiro rei, vem como um leão, disfarçado, vestido de capa, com garras longas e afiadas, devastando populações por onde passa, e “agora chove em seus salões e ninguém está lá para ouvir”.

“E quem é você, o orgulhoso senhor disse
que eu devo me curvar tão baixo?

Apenas um gato de um casaco diferente

Essa é toda a verdade que eu conheço.

Em um casaco de ouro ou uma camada de vermelho
um leão ainda tem garras

E as minhas são longas e afiadas, meu senhor
tão longo e afiado como o seu.

E então ele falou, e então ele falou
aquele senhor de Castamere

Mas agora as chuvas choram sobre o seu salão
sem ninguém para ouvir.

Sim agora as chuvas choram sobre o seu salão
com não uma alma para ouvir.

E quem é você.”

(Rain of Castamere - Ramin Djawadi e George R. R. Martin)

REFERÊNCIAS

BUSCHBACHER, R. (org.). 2000. Expansão agrícola e perda da biodiversidade no Cerrado: origens históricas e o papel do comércio internacional. WWF : Brasília.

CHAGAS, C. 2004. Riqueza ameaçada. Diversos bichos do cerrado estão na lista de animais ameaçados de extinção. Ciência Hoje das Crianças, Rio de Janeiro. Setembro 2004.

COLLI, G. R.; OLIVEIRA, L. E. de. Guia dos Lagartos do Distrito Federal.

COLLI, G.. 2004. Crescimento agrícola ameaça os répteis do Cerrado. Entrevista concedida a Camilla Cotta. Rota Brasil Oeste, em 10 de março de 2004.

CSR/IBAMA - Centro de Sensoriamento Remoto/ Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. 2009. Relatório técnico de monitoramento do desmatamento no bioma Cerrado, 2002 a 2008: Dados Revisados. Acordo de cooperação técnica MMA/IBAMA/PNUD.

DE SANTIAGO GUERVÓS, LUIS. "Nos limites da linguagem: Nietzsche e a expressão vital da dança." (2003).

KLINK, C. A., MACHADO, R. B. 2005. A conservação do Cerrado brasileiro. In: Megadiversidade. Desafios e oportunidades para a conservação da biodiversidade no Brasil. Vol 1, 1: 147-155. Belo Horizonte: Conservação Internacional.

MACHADO, R. B., RAMOS NETO, PEREIRA, P., CALDAS, E., GONÇALVES, D., SANTOS, N., TABOR, K., STEININGER. 2004. Estimativas de perda de área do Cerrado brasileiro. Brasília : Conservação Internacional do Brasil.

PLAZA, Julio. Arte/ciência: uma consciência. ARS (São Paulo), São Paulo , v. 1, n. 1, p. 37-47, 2003 .

Esse livro foi composto em CorelDRAWW 2019 e impresso no sistema *offset*, sobre o papel *offset* 75g/m², com capa em papel cartão supremo 250 g/m².



Universidade de Brasília



DIÁLOGOS

AFETOS COMPARTILHADOS

Esse livro é resultado de reflexões teórico/práticas realizadas durante a disciplina Laboratório de Criação do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas/CEN/UnB, no primeiro semestre de 2019.

Ele tem um caráter experimental, pois juntamente lida com recortes dos processos de pesquisa de cada um dos envolvidos com a disciplina. Nesse sentido, toda a responsabilidade sobre a elaboração do texto, formatação e uso de imagens está sob a responsabilidade dos mesmos. O livro apresenta um exercício (com todos os acertos e erros) técnico, estético e ético para aqueles que se aventuram na arte da criação cênica. *Soraia Maria Silva*

ISBN 978-85-94107-07-7



9 788594 107077